

Elipse do SV e distribuição de advérbios em Português Língua de Herança e L2

Ana Lúcia Santos* & Cristina Flores**

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLUL;

**Universidade do Minho / CEHUM

Abstract

This study compares the performance of adult L2 speakers of European Portuguese (EP) and 9-10 year-old heritage children acquiring EP concerning their knowledge of two aspects of grammar, adverb placement and VP ellipsis, which depend on knowledge of a core syntactic property of the language, verb movement. Regarding adverbs, the results do not show evidence of German V2 influence: both heritage children and L2 adults accept non V2 word orders. Performance in the VP ellipsis task is more complex: heritage children produce VP ellipsis at the level of controls, as opposed to L2 speakers; however, L2 and (possibly also) heritage speakers show some crosslinguistic influence effects.

Keywords: VP ellipsis, verb movement, Heritage Speakers, L2

Palavras-chave: Elipse do VP, movimento do verbo, Falantes de Herança, L2

1. Introdução¹

A investigação desenvolvida nas últimas duas décadas em torno da aquisição simultânea de duas línguas na infância demonstrou que a mente humana está biológica e cognitivamente preparada para o bilinguismo (Meisel, 2011). Uma criança saudável que é exposta a duas (ou mais) línguas desde muito cedo adquire essas línguas como línguas maternas (L1), de forma muito semelhante a crianças monolíngues. No entanto, também tem sido demonstrado que vários fatores podem influenciar o processo de aquisição bilingue, sendo a idade de exposição e o tipo de *input* as variáveis mais importantes.

Os estudos que comparam a aquisição simultânea de duas línguas desde a nascença com a aquisição de uma língua segunda depois dos quatro anos de idade mostram que, a partir dessa faixa etária, o processo de aquisição difere da aquisição de uma L1 quanto ao percurso e ao tempo de aquisição das diferentes propriedades gramaticais (Haznedar, 2003; Meisel, 2008; Schwartz, 2004; Sopata, 2010). Embora possa atingir um estado final de aquisição semelhante ao de uma criança L1, a criança L2 adquire a sua segunda língua de forma diferente da criança L1, observação que realça a influência do fator *idade* no processo de aquisição.

¹ Neste trabalho, contamos com a colaboração de Raquel Mendonça, que recolheu e codificou os dados de Português L2, e de Maria João da Costa Freitas, que ajudou na recolha dos dados de falantes de herança. A discussão levada a cabo neste trabalho sobre a natureza do processo de aquisição de uma língua de herança integra-se nos trabalhos preparatórios do projeto *Completivas na Aquisição do Português*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência: PTDC/CLE-LIN/120897/2010). Agradecemos à direção da Rudolph-Ross-Grundschule em Hamburgo, à direção e docentes do agrupamento de escolas de Aver-o-mar e aos leitores de português do Instituto de Romanística da Universidade de Viena, que permitiram a recolha de dados.

Também a *quantidade e qualidade de exposição* às duas línguas é uma variável crucial no desenvolvimento da competência bilingue. Embora não se saiba com exatidão qual o mínimo de *input* necessário para que uma criança adquira uma língua como língua nativa, vários estudos mostram que o tipo e o grau de exposição a uma língua influencia fortemente o seu desenvolvimento. Por exemplo, estudos com bebés que foram expostos a uma segunda língua apenas passivamente através da televisão, sem interação direta com um interlocutor, revelam que, sob essas condições, o ser humano não adquire a linguagem (Kuhl *et al.*, 2003). As mesmas observações são feitas por autores que estudam o desenvolvimento linguístico em crianças não-surdas, filhos de pais surdos. Schiff-Myers (1988) mostra que apenas as crianças que, além da exposição passiva através da televisão, também têm um mínimo de 5 a 10 horas por semana de interação verbal com falantes não-surdos, adquirem a língua do ambiente como L1 (Schiff-Myers, 1988: 54).

Um grupo de falantes bilingues que permite investigar a importância do fator *input* no desenvolvimento da sua competência linguística são os falantes de herança (FH). FH são tipicamente imigrantes de segunda ou terceira geração, que imigraram com a família durante a infância ou nasceram já no país de emigração. Enquanto, no caso dos seus pais, imigrantes de primeira geração, a língua de origem é a sua L1 e a língua do país de acolhimento é adquirida como L2 já em fase adulta, os FH são expostos às duas línguas, a língua de origem e a língua de acolhimento, em fase muito precoce do seu desenvolvimento (Flores & Barbosa, 2012; Pires, 2011; Rothman, 2007). FH são, por isso, bilingues precoces. O interesse particular nos FH reside no facto de o processo de aquisição destes falantes se caracterizar por uma mudança significativa das condições de *input* num determinado momento da sua infância. Em geral, a criança imigrante é exposta à sua língua de herança (LH) desde a nascença em contexto familiar, mas com a entrada no infantário ou na escola (entre os 3 e os 6 anos de idade) e a crescente integração na sociedade acolhedora, a língua do país de acolhimento torna-se a língua dominante da criança. Muitas vezes, esta passa também a ser a língua usada pela criança na comunicação com os pais, mesmo que estes usem a LH. O contacto com a LH é, por isso, fortemente reduzido, numa fase em que a competência linguística da criança ainda está em fase de desenvolvimento, o que poderá influenciar a sua proficiência final (Rothman, 2009a). Acresce o facto de a criança imigrante ser escolarizada na língua acolhedora, mas ter acesso limitado (ou nenhum) a instrução formal na sua LH.

De facto, muitos autores que estudam o desenvolvimento de uma LH mostram que os FH não atingem um nível de proficiência na sua LH comparável ao de um falante L1 da

mesma idade e estatuto social (Au, Knightly, Jun, & Oh, 2002; Flores & Barbosa, 2012; Montrul, 2008, 2010a, 2010b; Keating, VanPatten & Jegerski, 2011; Pires & Rothman, 2009; Polinsky, 2006, 2008; Rothman, 2007). Isto significa que a alteração das condições de *input* ocorrida na infância poderá de facto influenciar o desenvolvimento da LH. Naturalmente, o tipo e grau de contacto com a LH pode variar muito de criança para criança, uma vez que os FH não são um grupo homogéneo de falantes. Como apontam Polinsky e Kagan (2007), «heritage speakers' strongest suit is generally aural comprehension. Their speaking abilities fall within a continuum, from rather fluent speakers, who can sound almost like competent native speakers, to those who can barely speak the home language.» (Polinsky & Kagan, 2007: 371).

Por outro lado, existe ainda na literatura um debate aceso sobre a natureza das diferenças observadas entre FH e falantes L1: serão as diferenças o resultado de um processo de aquisição incompleto (Montrul, 2008; Polinsky, 2006) ou serão devidas a erosão linguística (*'language attrition'*) ou, eventualmente, a ambas (veja-se a discussão em Pires, 2011; Polinsky, 2011; Montrul, 2012; Pascual y Cabo & Rothman, 2012). Polinsky (2011), bem como Pascual y Cabo e Rothman (2012), sugerem que só avaliando LH na infância poderemos avaliar aquisição independentemente de efeitos de erosão.

Tal como nos FH, também no caso dos falantes L2 há uma grande variação quanto ao tipo e grau de exposição à segunda língua. Falantes L2 que começam a adquirir uma segunda língua já em fase adulta, sobretudo quando não vivem no país da L2, têm poucas oportunidades para usar essa língua e as fontes de contacto com a L2 tendem a ser pouco variadas. Como se sabe, o processo de aquisição de uma L2 em fase adulta é lento, pouco uniforme e raramente o falante L2 chega a atingir proficiência semelhante a um falante L1 (Hyltenstam & Abramsson, 2003), mesmo que também tenha acesso à GU, como defendido por alguns autores (Schwartz & Sprouse, 1996). Estas observações levaram alguns autores a sugerir que poderá haver semelhanças na aquisição de uma L2 e de uma LH, embora a idade e o modo de aquisição sejam muito diferentes (Au, Knightly, Ju, & Oh, 2002; Keating, VanPatten and Jegerski, 2011; Knightly, Jun, Oh, & Au, 2003; Montrul, 2010a, 2010b, 2011; Montrul et. al., 2008; Montrul & Perpiñán, 2011; O'Grady, Lee, & Choo, 2001). Montrul (2011), por exemplo, sugere que ambos os grupos apresentam efeitos de transferência interlinguística muito semelhantes. A autora afirma ainda que esses efeitos atingem sobretudo propriedades gramaticais que já têm sido apontadas como sendo especialmente vulneráveis na aquisição bilingue (Müller & Hulk, 2001): as propriedades situadas na interface entre sintaxe e outros módulos do

conhecimento, como por exemplo o discurso e a pragmática. Dever-se-ia assim considerar a existência de possível selectividade nos efeitos quer de aquisição de uma L2 quer de aquisição de uma LH.

O presente trabalho pretende contribuir para este debate, procurando verificar se o desenvolvimento de uma LH é mais próximo da aquisição de uma L2 do que de uma L1. Para tal, comparámos a proficiência linguística de crianças lusodescentes, residentes na Alemanha, que falam o português como LH, com falantes adultos cuja L1 é o alemão e que estão neste momento a adquirir o português como L2. Em particular, pretendemos investigar se ambos os grupos mostram efeitos semelhantes de influência do alemão (a língua dominante dos FH e L1 dos falantes L2) sobre o português. Dois grupos de falantes monolingues de PE (adultos e crianças nas mesmas faixas etárias) constituem o grupo de controlo.²

O estudo foca duas propriedades gramaticais distintas, a elipse do SV e a distribuição de advérbios, mas que dependem de uma propriedade comum: a aquisição do movimento do verbo. Usaremos a distribuição de advérbios como pista para estabelecer aquisição de movimento de V para T em português e procurar possíveis efeitos na LH ou na L2 de influência do alemão, em que existe V para C em frases raiz (a posição do advérbio tem sido usada para analisar a aquisição do movimento do verbo em L2 – veja-se White, 1990, 1991; Eubank *et al.*, 1997; Chu & Schwartz, 2005). Sendo a elipse de SV uma estrutura que envolve a interface entre a sintaxe e o discurso (Merchant, 2001), mas implica também movimento do verbo (para T, em português), usaremos esta propriedade para avaliar a aquisição de uma propriedade na interface sintaxe-discurso dependente de uma propriedade puramente sintática (movimento do verbo) que avaliamos independentemente.

Assim, este trabalho pretende testar 1) se a produção de elipses de SV é mais vulnerável a efeitos de transferência do que a distribuição de advérbios, 2) se as crianças FH e os falantes adultos L2 mostram de facto efeitos de transferência semelhantes e, conseqüentemente, 3) se a alteração das condições de *input* das crianças FH numa fase precoce do seu desenvolvimento afetou o processo de aquisição das estruturas investigadas, fornecendo nesse caso um argumento a favor das teorias que propõem aquisição incompleta como fonte das diferenças entre uma LH e uma L1.

² Como sugere um avaliador anónimo, as conclusões que são apresentadas relativamente aos dois processos de aquisição poderiam ser reforçadas se as mesmas tarefas fossem aplicadas a um grupo de crianças L2 e um grupo de adultos FH. Não nos foi, contudo, possível recrutar estes grupos de informantes, pelo que uma eventual comparação deste tipo ficará para trabalho futuro.

2. Movimento do verbo, distribuição de advérbios e elipse de VP (português vs. alemão)

Nesta secção, enunciamos de forma sumária as diferenças entre o português e o alemão no que diz respeito a movimento do verbo e consequências para a distribuição de advérbios. Mostramos ainda que o português disponibiliza elipse do SV, uma propriedade relacionada com a existência de movimento do verbo, mas o alemão não; indicaremos ainda de forma breve quais as estratégias de resolução de redundância, alternativas à elipse de SV, que estão disponíveis em alemão.

2.1. Movimento do verbo e distribuição de advérbios em português e alemão

A distribuição dos advérbios é uma pista clássica para determinar a existência de movimento do verbo numa língua (veja-se Emonds, 1978; Pollock, 1989). Na verdade, quer o português quer o alemão se caracterizam pela existência de movimento do verbo, o que determina a possibilidade da ordem S V ADV O em ambas as línguas (veja-se (1) e (2)).

(1) A Sara pintou completamente a parede.

(2) Das Baby isst gern Suppe.

o bebé come ADV sopa
'O bebé gosta de comer sopa.'

No entanto, a sintaxe do alemão caracteriza-se por efeitos plenamente conhecidos de V2 em frases raiz. O movimento de V para (T para) C, que resulta na ordem V2, explica a agramaticalidade de *ADV S V O e de *S ADV V O (como exemplificado em 3 a e b, respetivamente). As mesmas ordens de palavras são gramaticais em português (veja-se 4).

(3) a. *Leider der Junge hat das Auto seiner Eltern zerstört.

infelizmente o rapaz teve o carro seus^[GEN] pais destruído
'Infelizmente o rapaz destruiu o carro dos seus pais.'

b. *Ana gestern hat neue Schuhe gekauft.

Ana ontem teve novos sapatos comprado
'A Ana ontem comprou sapatos novos.'

(4) a. Infelizmente, o rapaz destruiu o carro dos pais.

b. A Ana ontem comprou sapatos novos.

2.2. Elipse do SV e outras estratégias de resolução de redundância ao nível do SV

Um outro fenómeno associado ao movimento do verbo, que tem contudo sido menos explorado em trabalhos de aquisição de L1 e L2, é a elipse do SV. É sabido que a legitimação de elipse do SV é associada à existência de movimento do verbo (Lobeck, 1995; Matos, 1992).³ No entanto, nem todas as línguas que apresentam movimento do verbo legitimam elipse do SV (é o caso do francês ou do espanhol, por exemplo); assim movimento do verbo deve ser visto como uma condição necessária, mas não a única necessária para a legitimação de elipse do SV. Se assumirmos uma análise como a de Merchant (2001), poderemos assumir que a elipse do SV é legitimada pela presença de um determinado traço E na categoria funcional alvo do movimento do verbo (T, no caso do português europeu), que desencadeia apagamento em PF do seu complemento, em situações em que o material elidido pode ser identificado com base num antecedente.⁴ A presença de tal traço está sujeita a variação interlinguística, pelo que, para adquirir elipse do SV, o falante deve então adquirir não só movimento do verbo, como também o traço E.

Existindo em português europeu movimento generalizado de V para T, assume-se geralmente que esta língua legitima elipse do SV quer com verbos principais quer com verbos auxiliares (Raposo, 1986; Matos, 1992) – os exemplos relevantes são apresentados em (5).

(5) a. A Teresa tinha oferecido flores à mãe e a Ana também **tinha** ____.

b. A Teresa ofereceu flores à mãe e a Ana também **ofereceu** ____.

c. A Teresa tinha oferecido flores à mãe e a Ana também **tinha oferecido** ____.

No entanto, a elipse do SV não está disponível em alemão (veja-se (6)):

(6)

a. Heute wird die Mutter das Auto nicht in die Garage bringen, *aber der Vater

³ Veja-se em Inglês a possibilidade de elipse do SV com o auxiliar *do* ou com o copulativo *be*, mas não com verbos principais.

⁴ A identificação do material elidido está sujeita a uma condição de Foco sobre a elipse (veja-se Merchant, 2001: 26).

heute *vai a mãe o carro não à garagem levar mas o pai*
 wird (bringen).
vai (levar).

- b. Teresa hat ihrer Mutter Blumen geschenkt *und Ana hat auch geschenkt.
Teresa tinha à mãe flores oferecido e Ana tinha também oferecido.

Será, no entanto, relevante fazer desde já notar que, não disponibilizando elipse do SV, o alemão disponibiliza contudo outras estratégias de resolução de redundância no SV: o uso de pronomes ou advérbios (veja-se (7)), estruturas aparentemente semelhantes a pseudo-stripping, também possível em português, e que Konietzko & Winkler (2010) tratam como “contrastive ellipsis” (veja-se (8)); o alemão dispõe ainda de um pronome *es* que ocorre como complemento de verbos modais (López & Winkler, 2000) (veja-se (9)).

- (7) Heute wird die Mutter das Auto nicht in die Garage bringen,
heute vai a mãe o carro não à garagem levar
 aber der Vater wird es dorthin bringen.
mas o pai vai o lá levar

- (8) Heute wird die Mutter das Auto nicht in die Garage bringen, aber der Vater ja.
heute vai a mãe o carro não à garagem levar mas o pai
sim

- (9) Peter kann die Aufgabe nicht lösen, aber ich weiß, dass Jan es kann.
Peter pode a tarefa não resolver mas eu sei que Jan PRON pode

2.3. Perguntas de investigação e predições para a análise

Assim, e tendo em conta as questões gerais de investigação definidas no final da secção 1, pretendemos com este trabalho responder às seguintes perguntas de investigação:

- (i) Pode uma de duas estruturas dependentes da mesma propriedade (V para T) mostrar um desenvolvimento deficitário devido a diferenças seletivas que afetam a interface sintaxe-discurso?
- (ii) Uma gramática V2 dominante pode influenciar a aquisição de uma gramática não-V2?

(iii) Se a resposta a (i) e a (ii) for afirmativa, estes efeitos afetam igualmente a aquisição de uma L2 e de uma LH?

(iv) Há influência da língua dominante / L1 nas duas populações? Em caso positivo, que efeitos de transferência são visíveis?

Assim, tendo em conta os contrastes enunciados entre o português e o alemão, fazemos as seguintes predições:

(i) Se os falantes L2 e de herança tiverem adquirido movimento do verbo em português, devem aceitar quer enunciados com a ordem S V ADV O quer enunciados com a ordem ADV S V O ou S ADV V O em português;

(ii) Se os falantes L2 e de herança não provarem ter adquirido movimento do verbo em português, esperar-se-á que não produzam elipse de SV na mesma língua – se tiverem adquirido movimento do verbo, podem ou não produzir elipse de SV.

3. Metodologia

3.1. Participantes

Participaram no presente estudo um total de 82 informantes: 42 adultos (21 falantes nativos de PE e 21 falantes nativos de alemão que estão a adquirir o PE como L2) e 40 crianças (20 falantes monolingues de PE e 20 crianças lusodescendentes que adquiriram o português como LH).

Os FH têm entre nove e onze anos de idade (média de idade = 9.8; desvio padrão [DP] = 0.62). Todas as crianças provêm de famílias emigrantes que residem no norte da Alemanha (Hamburgo). Dos vinte participantes, quinze nasceram no país de emigração, quatro crianças emigraram com os pais antes dos três anos de idade; uma menina tinha cinco anos quando deixou Portugal. Todas as crianças cresceram de forma bilingue, contactando com o português e o alemão desde muito cedo. A informação sociolinguística sobre a idade e o contexto de aquisição das línguas, os contextos de uso das línguas portuguesa e alemã e as atitudes dos falantes face ao uso das línguas foi recolhida através de um questionário, preenchido com ajuda dos pais ou de um professor. Todas as crianças têm em comum o facto de o português ser uma das línguas faladas em casa, embora não seja a única língua usada no seio da família, pois, em todos os casos, o alemão também é língua de comunicação entre os membros da família. Quando questionados sobre a língua que consideravam dominar melhor e da qual gostavam mais, todos os vinte participantes

afirmaram ser o alemão, pois era a língua falada maioritariamente na escola e com os amigos. O processo de aquisição e os hábitos linguísticos destes falantes são típicos de FH. O português tende a ser a primeira língua adquirida, mas por volta dos três anos de idade, quando entram no infantário, a exposição às duas línguas altera-se. O alemão passa a língua dominante e o uso do português é limitado ao contexto familiar. A maioria das crianças também contacta com o português durante as férias de verão, anualmente passadas em Portugal. Além disso, todos os vinte participantes têm aulas de português (2 a 6 horas por semana), por isso também aprendem a ler e a escrever em português e têm algum contacto com um registo mais formal da língua portuguesa. No entanto, o número de horas de instrução formal é bastante limitado e não é comparável ao processo de escolarização de crianças portuguesas residentes em Portugal.

O grupo de controlo infantil é composto por vinte crianças portuguesas, todas falantes monolíngues de PE (apenas com alguma exposição ao inglês no primeiro ciclo), com idades compreendidas entre os oito e nove anos (média de idade = 8.95; DP = 0.22). As crianças frequentam uma escola pública no norte de Portugal, na mesma zona de que são originárias as famílias das crianças FH. Nenhuma criança viveu fora de Portugal. Todas as crianças deste estudo (monolíngues e bilingues) frequentam o quarto ano de escolaridade.

O grupo de controlo adulto inclui 21 alunos de licenciatura da Universidade de Lisboa. Todos são falantes nativos do português. Nenhum cresceu de forma bilingue ou viveu por um período extenso no estrangeiro.

O grupo L2 inclui 21 falantes nativos de alemão, que estão a aprender o PE como língua estrangeira num curso de língua portuguesa na Áustria (Universidade de Viena). Todos frequentam o nível intermédio do curso, tendo iniciado a aprendizagem do português há menos de dois anos. O principal contexto de aprendizagem é o contexto formal de sala de aula, embora os falantes também tenham contacto menos formal com a língua portuguesa através dos meios de comunicação e de estadias de curta-duração em Portugal. Segunda a docente de língua portuguesa, nenhuma das estruturas sob investigação (elipse do SV e colocação do advérbio) foi explicitamente lecionada nas aulas de português.

3.2. Tarefas

Para avaliar a proficiência dos diferentes grupos quanto às propriedades linguísticas em discussão, foram aplicadas três tarefas diferentes: uma tarefa de produção provocada e

um teste de juízos de gramaticalidade para testar a distribuição de advérbios altos e baixos; foi ainda aplicado um teste que pretende provocar a produção de elipse como estratégia de resolução de informação redundante no SV.

Na tarefa de produção provocada centrada em advérbios foi pedido ao participante que reescrevesse frases incluindo nelas uma nova palavra, dada em parêntesis. O participante deveria indicar todas as posições em que achava possível colocar a nova palavra (cf. exemplo (10)). As palavras dadas em parêntesis eram advérbios que ocorrem normalmente em posições baixas ('bem', 'completamente' e 'muito', 6 itens) e advérbios que podem ocorrer em posições altas ('ontem', 'infelizmente' e 'francamente', 6 itens), além de quatro distratores.⁵

- (10) a. A cozinheira faz pizza. (bem)
 b. A professora distribuiu os testes. (ontem)
 c. O Pedro saiu de casa. (infelizmente)

O teste de juízo de gramaticalidade, que incluía os mesmos itens apresentados na tarefa de produção provocada, foi realizado depois desta. Os advérbios foram apresentados em quatro posições diferentes: ADV S V O, S ADV V O, S V ADV O e S V O ADV, perfazendo 24 frases (6 advérbios X 4 posições diferentes), a que se juntaram 9 distratores. Seguindo uma sugestão de Chu e Schwartz (2005), as frases foram apresentadas de forma independente, não estando agrupadas em pares mínimos (veja-se, como exemplo, a sequência apresentada em (11)).

- (11) a. A Teresa, francamente, gosta de sapatos feios. [espera-se aceitação]
 b. O João comeu o meu bolo de chocolate. [distrator -espera-se aceitação]
 c. Eu muito gosto de ti. [espera-se rejeição]
 d. Nós vieste ao cinema. [distrator -espera- se rejeição]

Por fim, a tarefa de produção de elipse do SV assenta no pressuposto de que as construções elípticas constituem uma forma de eliminar informação redundante. Neste exercício, foram apresentadas aos participantes pequenas narrativas repletas de informação

⁵ Embora o advérbio 'ontem' seja um modificador do predicado, pode não só preceder o verbo como preceder o sujeito (ordens S ADV V O ou ADV S V O). Assim, neste trabalho, tratámos o advérbio 'ontem' a par de advérbios como 'infelizmente' ou 'francamente', por razões que se prendem com a sua distribuição e porque nos interessava apenas a distribuição dos advérbios como pista para o movimento do verbo.

sintaticamente redundante (veja-se o exemplo (12)). A tarefa do informante consistia em eliminar toda a informação que considerasse redundante, reescrevendo o texto. Além de estruturas que possibilitavam o uso da elipse do SV, também foram incluídos outros tipos de redundância (por exemplo, a realização de sujeitos, que poderiam ser omitidos, funcionando como distratores).

(12)

a. Apareceu um gato pequeno em casa do Miguel e da Joana. O Miguel e a Joana recolheram o gato porque o Miguel e a Joana gostam muito de animais. Eles não sabem o que dar ao gato: o Miguel diz que ele come peixe e a Joana diz que ele só pode beber leite porque é pequeno. Mas o Miguel é teimoso. O Miguel não vai dar leite ao gato, mas a Joana vai dar leite ao gato.

Se o participante recorrer à elipse do SV para evitar a redundância (sublinhada), pode produzir uma estrutura apenas com verbo (semi-)auxiliar ‘ir’ (13a) ou com verbo auxiliar e verbo principal (13b).

(13) a. O Miguel não vai dar leite ao gato, mas a Joana vai.

b. O Miguel não vai dar leite ao gato, mas a Joana vai dar.

Porém, além da elipse do SV, nestes contextos também é possível evitar redundância recorrendo a outras estratégias, por exemplo através de uma construção de pseudo-stripping (*cf.* 14).

(14) O Miguel não vai dar leite ao gato, mas a Joana sim.

Como as estruturas usadas são estruturas com verbos ditransitivos ou com verbos transitivos acompanhados de um SP modificador do SV, também existe a possibilidade de o participante optar por omitir apenas um argumento, produzindo, por exemplo, uma construção de objeto nulo (*cf.* 15)

(15) O Miguel não vai dar leite ao gato, mas a Joana vai dar-lhe.

Uma vez que o PE dispõe de elipse de SV legitimada pelo verbo principal ou por um auxiliar (veja-se secção 2.2), o teste contém 4 itens apenas com um verbo principal ('dar', 'oferecer', 'pôr' e 'fazer') e 4 itens com um verbo auxiliar (dois com o auxiliar 'ter' e dois com o semi-auxiliar 'ir').

A opção por tarefas de produção provocada (suportadas pelo teste de gramaticalidade) permite analisar diferentes tipos de influência da L1 / língua dominante: a transferência de propriedades existentes numa língua mas não na outra ou efeitos de preferência por propriedades existentes em ambas as línguas.

3.3. Resultados

Começaremos por apresentar de forma sumária os resultados obtidos pelos diferentes grupos no teste de juízo de gramaticalidade. Tendo em conta as perguntas de investigação e as predições para a análise enunciada na secção 2.3., interessa-nos, neste trabalho, avaliar o desempenho dos falantes quanto à aceitação das ordens ADV S V O, S ADV V O e S V ADV O.

Na figura 1, apresentamos os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com advérbios baixos. Neste caso, esperamos rejeição dos advérbios em posições altas, mas esperamos de facto aceitação na ordem S V ADV O (caso destacado na figura).

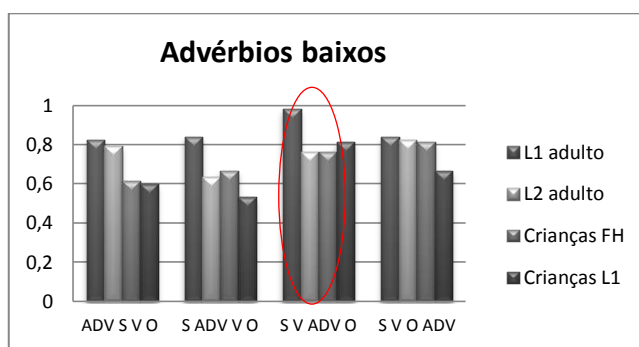


Figura 1. Advérbios baixos (valores médios de respostas esperadas).

Apenas os adultos L1 apresentam um desempenho totalmente de acordo com o esperado ($M= 0.9841$), distinguindo-se dos outros grupos. Um teste de Kruskal-Wallis confirma a diferença entre os grupos ($H(3) = 14.450$, $p = 0.002$). Conduzimos ainda dois testes de Mann-Whitney para determinar diferenças entre o grupo L2 e os dois grupos L1⁶. A aplicação desses testes mostra que os adultos L2 diferem significativamente dos adultos L1 ($U= 104$, $p < 0.001$); no entanto, mostra também que os adultos L2 não diferem

⁶ Neste caso, aplicámos uma correção de Bonferroni e assumimos um nível de significância de .025.

significativamente das crianças L1 ($U= 182.5$, $p = 0.427$). Nesse sentido, não é provável que os resultados do grupo L2 assinalem uma tendência específica da aquisição de L2. Os dois grupos de crianças apresentam resultados semelhantes. Por outro lado, os resultados mostram que a ordem S V ADV O, que assinala movimento do verbo, é aceite por todos os grupos, já que a média (que corresponde a aceitação, no caso destes advérbios em posições S V ADV O) é superior a 0.75 em todos os grupos.⁷

Na figura 2, apresentamos os resultados do teste de juízo de gramaticalidade no que diz respeito a advérbios que podem ocorrer em posições como ADV S V O ou S V ADV O. Neste caso, esperamos aceitação de todas as ordens, pelo que as barras representam, neste caso, sempre a média de aceitação.

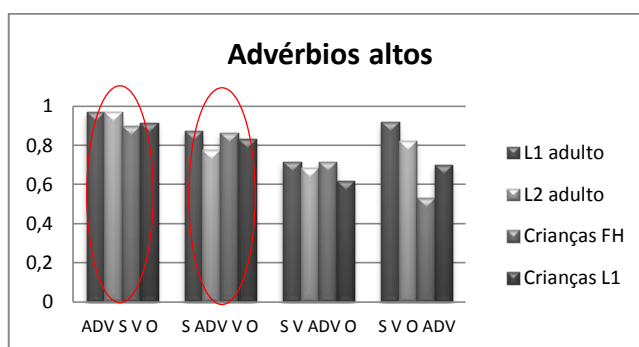


Figura 2. Advérbios altos (valores médios de respostas esperadas).

Tendo em conta as perguntas de investigação e predições para a análise enunciadas em 2.3., comentaremos aqui apenas os resultados nas ordens ADV S V O e S ADV V O, cuja rejeição assinalaria transferência de V2 da gramática do alemão. Os resultados mostram que os adultos L2 aceitam ADV S V O ao mesmo nível que o grupo de controlo adulto; embora os dois grupos de crianças apresentem resultados ligeiramente mais baixos, a diferença entre os quatro grupos não é significativa ($H(3) = 4.541$, $p = .209$). A aceitação de S ADV V O é, em termos de média, ligeiramente mais baixa no grupo L2 do que nos outros grupos, mas uma vez mais a diferença entre os quatro grupos não é significativa ($H(3) = 3.485$, $p = .323$). Podemos assim dizer que todos os grupos aceitam ADV S V O e S ADV V O.

Os resultados de produção provocada confirmam os resultados do teste de juízo de gramaticalidade: todos os grupos preferem produzir ADV S V O e S ADV V O com estes

⁷ É também notório que, embora a maioria das respostas às ordens ADV S V O e S ADV V O com advérbios baixos esteja de acordo com o esperado (i.e. rejeição), há um número elevado de respostas não esperadas (aceitação), sobretudo por parte das crianças. Esta é uma tarefa de juízo de gramaticalidade, que pode levantar dificuldades, sobretudo aos falantes mais jovens (para uma experiência que provoca juízos de gramaticalidade sobre distribuição de advérbios em crianças mais novas, veja-se Loureiro 2008).

advérbios, confirmando a ideia de que os falantes L2 e de herança produzem ordens V3, impossíveis em alemão; além disso, todos os grupos preferem produzir advérbios baixos na ordem S V ADV O, o que é relevante, já que V ADV O é um indicador claro de movimento do verbo (para T).

Tendo os resultados dos testes com advérbios assegurado aquisição de movimento do verbo em português quer pelos falantes L2 quer pelos FH, importa agora perceber qual o desempenho dos mesmos grupos no teste de produção de elipse. A primeira questão a ter em consideração no comentário destes resultados é o número de itens não resolvidos, i.e. que não obtiveram resposta: adultos L1 – 2,5%, adultos L2 – 13.1%, crianças FH – 32,5%, crianças L1 – 23,8%. Exigindo este teste alguma consciência linguística, é natural verificarmos uma maior percentagem de itens sem resposta nas crianças; no entanto, é de notar também que o grupo de L2 deixa mais itens por responder do que os adultos L1 e que as crianças FH deixam também mais itens por responder do que as crianças L1, sugerindo que há também aqui algum efeito de conhecimento linguístico.

Assim, apresentaremos os resultados sob a forma de percentagens calculadas sobre o total de itens que obtiveram resposta. Baseando-se este teste na resolução de redundância no SV e sendo a elipse do SV (ESV na tabela) apenas uma das respostas possíveis, apresentamos na tabela 1 os diferentes tipos de resposta obtidos quando o estímulo não apresenta verbo auxiliar e na tabela 2 os tipos de resposta obtidos quando o estímulo apresenta verbo auxiliar.

Grupo	ESV (Vprinc)	Pseudo- stripping	Pron Advs	Omissão de argumento	Elipse do nome	<i>n</i>
L1 adulto	75%	13.8%	10%	0%	1.3%	80
L2 adulto	33.8%	29.9%	36.4%	0%	0%	77
Criança FH	52.9%	0%	23.5%	21.6%	2%	51
Criança L1	60.3%	0%	6.9%	31%	1.7%	58

Tabela 1 – Tipos de respostas, ausência de verbo auxiliar no estímulo

Grupo	ESV (Vaux)	ESV (Vprinc)	Pseudo- stripping	Pron. Advs	Omissão de argumento	Elipse do nome	<i>n</i>
L1 adulto	55.7%	15.2%	19%	8.9%	0%	1.3%	79
L2 adulto	26.1%	11.6%	31.9%	30.4%	0%	0%	69
Criança FH	24.6%	31.6%	0%	29.8%	12.3%	1.8%	57
Criança L1	23.4%	48.4%	0%	6.3%	21.9%	0%	64

Tabela 2 – Tipos de resposta, verbo auxiliar presente no estímulo

A análise destes resultados mostra que o grupo L2 produz elipse do SV. Contudo, esse grupo de falantes não produz elipse de SV ao nível dos falantes adultos L1, nem mesmo ao nível dos grupos de crianças L1 e FH (que produzem percentagens mais baixas do que os adultos L1). Assim, usámos as taxas de produção de elipse de SV em cada indivíduo para desenvolver análise estatística: tendo um teste de Kruskal-Wallis confirmado diferença entre os grupos ($H(3) = 11.377, p = .010$), aplicámos dois testes Mann-Whitney para avaliar as diferenças entre os dois grupos experimentais e respetivos grupos de controlo.⁸ Os resultados dos testes mostram que o grupo L2 difere significativamente dos adultos L1 ($U = 107.5, p = .003$); no entanto, as crianças FH não diferem significativamente do grupo de crianças L1 ($U = 176.5, p = .523$).

Uma análise individual conduzida no grupo de falantes L2 mostra ainda que, nesse grupo, apenas 11 sujeitos (52.38%) produzem elipse do SV.⁹ Isto significa que só no caso de 50% do grupo podemos afirmar que elipse do SV foi adquirida. No entanto, também não podemos afirmar com segurança que os cerca de 50% que não produzem elipse de SV não adquiriram a estrutura, já que também há três falantes L1 adultos que nunca produzem elipse de SV (elipse de SV é produzida por 85.7% dos sujeitos), não sendo nesse caso razoável assumir que não a adquiriram. Não podemos esquecer que a resolução de redundância nesta tarefa podia ser feita através da produção de elipse do SV, mas também podia ser feita à custa do recurso a outras estratégias: não podemos, assim, excluir que não usar elipse de SV resulte apenas de uma preferência por outra(s) estratégia(s). Entre o grupo de crianças FH, a elipse de SV é usada por 80% dos sujeitos, um número próximo dos resultados dos adultos e dos 95% de crianças L1 que usam a estrutura.

A análise das taxas de produção de outras estruturas permite ainda outras conclusões, que enunciamos aqui muito brevemente. Em primeiro lugar, os dois grupos de crianças usam omissão de argumento (em que incluímos objeto nulo), ao contrário do que acontece com o grupo de adultos, e não usam pseudo-stripping, também ao contrário do que acontece com os grupos de adultos. Além disso, o grupo L2 recorre mais a pseudo-stripping do que o grupo de adultos L1 (o que uma análise mais pormenorizada mostra dizer sobretudo respeito aos falantes L2 que não produzem elipse do SV). Finalmente, o único caso em que as crianças FH têm um desempenho semelhante ao grupo de falantes L2 é no recurso a pronomes e advérbios para resolver a redundância. Neste último caso, um teste Kruskal-Wallis confirmou a diferença entre os grupos ($H(3) = 15.253, p = .002$),

⁸ Foi de novo aplicada uma correção de Bonferroni e assumimos significância a um nível $p < .025$.

⁹ Considerámos que o participante produz elipse do SV se ele produziu esta estrutura pelo menos uma vez.

tendo sido seguido de três testes Mann-Whitney¹⁰: há neste caso uma diferença significativa entre os grupos de adultos L1 e L2 ($U = 111, p = .004$); há ainda uma diferença significativa entre os grupos de crianças L1 e FH ($U = 119.5, p = .014$); contudo, as crianças FH não diferem significativamente do grupo L2 ($U = 188.5, p = .566$). Neste caso, os falantes de L2 apresentam consistentemente proporções mais altas de produção de pronomes e advérbios como estratégia de resolução de redundância, mesmo tomando em consideração os falantes que produzem elipse de SV.

4. Discussão

Os resultados deste estudo mostram que, em geral, falantes L2 e crianças FH não diferem significativamente de falantes monolíngues quanto às preferências de colocação de advérbios em posições altas e baixas indicadoras de movimento do verbo. Este facto indica, em primeiro lugar, que falantes L2 em níveis intermédios de aquisição e crianças FH adquiriram movimento de verbo, pois aceitam e produzem a ordem S V ADV O como os seus pares monolíngues. Em segundo lugar, mostra que estes falantes não transferem a ordem V2 da sua língua materna / dominante para o português, já que admitem e produzem, em português, as ordens ADV S V O e S ADV V O, agramaticais no alemão. Estes resultados vão ao encontro de sugestões de autores como Platzack (1996) e Håkansson *et al.* (2002), que afirmam ser muito mais provável uma língua SVO influenciar uma língua V2 do que, ao invés, o efeito V2 ser transferido para uma gramática SVO.

Podemos, portanto, afirmar que o movimento do verbo, expresso pela distribuição dos advérbios, não aparenta ser uma área problemática na aquisição de L2 ou de uma LH. Contudo, a questão é mais complexa se analisarmos os resultados dos falantes quanto à produção de elipse do SV. Aqui temos de distinguir dois problemas distintos: (i) a aquisição da estrutura elipse do SV em si; (ii) a ativação desta estrutura num contexto particular, no qual também estão disponíveis outras estruturas concorrentes.

Quanto ao primeiro problema, os resultados mostram que apenas metade dos falantes L2 recorrem à elipse do SV, um número significativamente mais baixo que nos outros grupos, e que contrasta claramente com a *performance* das crianças FH. Estas apresentam taxas de produção de elipse do SV semelhantes aos dos falantes monolíngues (adultos e crianças). A não produção de elipse do SV nos falantes L2 que nunca usam esta estrutura pode significar 1) que não a tenham adquirido ou 2) que a adquiriram mas não a usam nos

¹⁰ Com uma correção de Bonferroni a obrigar a que o nível de significância seja agora $p < .017$.

contextos propostos. A primeira possibilidade atesta uma diferença evidente no processo de aquisição da ordem dos advérbios e da elipse do SV, pois, sendo assim, a segunda apresenta um desenvolvimento mais tardio (tal como postulado pela hipótese de interface). Mas mesmo a segunda possibilidade é reveladora de uma proficiência menos estável dos falantes L2 relativamente à elipse do SV, pois o facto de nunca usarem esta estrutura nos contextos em que os falantes L1 normalmente a usam pode indicar que tenham incertezas quanto ao seu uso, preferindo recorrer a estruturas que dominam melhor. Esta possibilidade leva-nos ao segundo problema, acima identificado.

Como vimos, os falantes L2 (mesmo aqueles que produzem elipse do SV) mostram uma preferência muito acentuada por estruturas que também existem na sua L1, nomeadamente pseudo-stripping e o uso de advérbios e pronomes, mostrando, assim, efeitos de transferência interlinguística. Porém, é de realçar que os efeitos de transferência não se evidenciam através da importação (da L1) de uma estrutura não existente na L2, mas sim através da preferência por uma estrutura que existe em ambas as línguas em detrimento de outra que apenas existe na L2. Isto significa que o facto de tanto a L1 como a L2 terem estruturas semelhantes para resolver redundância no SV pode levar ao atraso na aquisição da estrutura que existe apenas na L2 e, conseqüentemente, a um conhecimento menos estável desta estrutura.

Quanto aos FH, os resultados mostram que as crianças FH têm um comportamento linguístico muito semelhante ao das crianças L1 da mesma idade. Esta observação é particularmente interessante no caso da tarefa de produção provocada de elipses do SV. É de realçar que os dois grupos infantis apresentam preferências muito semelhantes, que contrastam com as preferências dos grupos adultos. Ambos os grupos infantis usam a omissão de argumentos como uma estratégia válida, ao contrário dos falantes adultos (L1 e L2), que nunca a usam. Por outro lado, nenhuma criança recorre a pseudo-stripping, contrastando claramente com as preferências dos grupos adultos. Neste âmbito, é particularmente interessante a diferença entre as crianças FH e os falantes L2. Como vimos, os falantes L2 mostram uma clara preferência pelo pseudo-stripping, possivelmente por influência do alemão. Porém, as crianças FH, que também têm o alemão como língua dominante, não mostram o mesmo efeito de influência da língua dominante. Este dado indica que o desenvolvimento de uma LH é muito semelhante ao desenvolvimento de uma L1 e bastante menos propício a efeitos de influência da língua dominante do que a aquisição de uma L2.

Contudo, a aquisição de uma LH também não é totalmente impermeável a este tipo de efeitos, observação baseada no facto de as crianças FH recorrerem mais ao uso de advérbios e pronomes do que as crianças L1 (em taxas semelhantes aos falantes L2). Como discutido em 2.2, o alemão dispõe do pronome *es* (embora em contextos restritos) como uma das estratégias possíveis para resolver redundância no SV, o que poderá induzir os falantes FH e L2 a recorrerem mais a formas realizadas (pronomes e advérbios) do que os falantes L1.

5. Conclusão

Concluindo, este estudo demonstrou que há de facto uma diferença entre a aquisição de propriedades puramente sintáticas (como a distribuição de advérbios) e a aquisição de propriedades de interface (como a elipse do SV). Porém, estas diferenças são muito mais visíveis na aquisição de uma L2 do que na aquisição de uma LH. O desenvolvimento de uma LH, por sua vez, assemelha-se à aquisição de uma língua nativa. Isto significa que, mesmo tendo uma exposição mais reduzida ao português e tendo o alemão como língua dominante, as crianças lusodescendentes que adquirem o português como LH apresentam um padrão de desenvolvimento maioritariamente semelhante ao de crianças L1, pelo menos no que diz respeito à distribuição de advérbios e ao uso de estratégias de resolução de redundância no SV.

Referências

- Au, T., Knightly, L., Jun, S. & Oh, J. (2002) Overhearing a language during childhood. *Psychological Science* 13, pp. 238–243.
- Chu, W. & Schwartz, B. (2005) Another Look at ‘Verb Raising’ in the L2 English of Chinese Speakers. In L. Dekydtspotter *et al.* (orgs.) *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. Somerville, MA: Cascadilla, pp. 68-85.
- Emonds, J. (1978) The verbal complex V'-V in French. *Linguistic Inquiry* 9, pp. 151-175.
- Eubank, L., Bischof, J., Huffstutler, A., Leek, P. & West, C. (1997) ‘Tom eats slowly cooked eggs’: thematic verb raising in L2 knowledge. *Language Acquisition* 6, pp. 171-199.

- Flores, C. & Barbosa, P. (2012) When reduced input leads to delayed acquisition: a study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *The International Journal of Bilingualism*. OnlineFirst.
- Håkansson, G., Pienemann, M. & Sayehli, S. (2002) Transfer and typological proximity in the context of second language processing. *Second Language Research* 18, pp. 250–73.
- Haznedar, B. (2003) The status of functional categories in child second language acquisition: Evidence from the acquisition of CP. *Second Language Research* 19, pp. 1–41.
- Hyltenstam, K. & Abrahamsson, N. (2003) Maturation constraints in SLA. In C.J. Doughty & M. Long (orgs.) *The handbook of second language acquisition*. Oxford, UK: Blackwell, pp. 539-588.
- Keating, G., VanPatten, B. & Jegerski, J. (2011) Who was walking on the beach? Anaphora Resolution in Spanish Heritage Speakers and Adult Second Language Learners. *Studies in Second Language Acquisition* 33, pp. 193– 221.
- Knightly, L., Jun, S., Oh, J., & Au, T. (2003) Production benefits of childhood overhearing. *Journal of the Acoustical Society of America* 114, pp. 465–474.
- Konietzko, A. & Winkler, S. (2010) Contrastive Ellipsis: Mapping between syntax and information structure. *Lingua* 120, pp. 1436-1457.
- Kuhl P.K., Tsao, F.M. & Liu, H.M. (2003) *Foreign-language experience in infancy: effects of short-term exposure and social interaction on phonetic learning*. Proc Natl Acad Sci USA, pp. 9096–9101.
- Lobeck, A. (1995) *Ellipsis: Functional Heads, Licensing and Identification*. Oxford: OUP.
- López, L. & Winkler, S. (2000) Focus and Topic in VP-anaphora constructions. *Linguistics* 38 (4), pp. 623-664.
- Loureiro, João (2008) *Aquisição de Ordem de Palavras e de Flexão Verbal, no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- Meisel, J.M. (2008) Child second language acquisition or successive first language acquisition? In B. Haznedar e E. Gavruseva (orgs) *Current trends in child second language acquisition: A generative perspective*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 55-80.
- Meisel, J.M. (2011) *First and second language acquisition*. Cambridge: CUP.
- Matos, G. (1992) *Construções de elipse do predicado em Português. SV Nulo e Despojamento*. PhD Thesis, University of Lisbon, Portugal.

- Merchant, J. (2001) *The Syntax of Silence. Sluicing, Islands and the Theory of Ellipsis*. Oxford: OUP.
- Montrul, S. (2008) *Incomplete Acquisition in Bilingualism: Re-examining the Age Factor*. Amsterdam: John Benjamins.
- Montrul, S. (2010a) How similar are adult second language learners and Spanish heritage speakers? Spanish clitics and word order. *Applied Psycholinguistics* 31, pp. 167-207.
- Montrul, S. (2010b) Dominant language transfer in adult second language learners and heritage speakers. *Second Language Research* 26, pp. 293-327.
- Montrul, S. (2011) Morphological errors in Spanish second language learners and heritage speakers. *Studies in Second Language Acquisition* 33, pp. 163– 192 .
- Montrul, S. (2012). Beyond L1 transfer in L2 acquisition: Where are we now? Plenary talk, *Workshop on Crosslinguistic Influence in Non-Native Language Acquisition*. Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, Portugal.
- Montrul, S., Foote, R. & Perpiñán, S. (2008) Knowledge of Wh-movement in Spanish L2 Learners and Heritage Speakers. In M. Almazán, J. Bruhn de Garavito & E. Valenzuela (orgs.) *Selected Proceedings of the 10th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 93-106.
- Montrul, S. & Perpiñán, S. (2011) Assessing Differences and Similarities between Instructed Heritage Language Learners and L2 Learners in Their Knowledge of Spanish Tense-Aspect and Mood (TAM) Morphology. *Heritage Language Journal* 8 (1), pp. 90-133.
- Müller, N. & Hulk, A. (2001) Crosslinguistic Influence in Bilingual Language Acquisition: Italian and French as Recipient Languages. *Bilingualism: Language and Cognition* 4 (1), pp. 1-21.
- O’Grady, W., Lee, M. & Choo, M. (2001) The acquisition of relative clauses by heritage and nonheritage learners of Korean as a second language. A comparative study. *Journal of Korean Language Education* 12, pp. 283–294.
- Pascual y Cabo, D. & Rothman, J. (2012) The (il)logical problem of heritage speaker bilingualism and incomplete acquisition. *Journal of Applied Linguistics* 33, pp. 450-455.
- Pires, A. (2011) Linguistic competence, poverty of the stimulus and the scope of native language acquisition. In C. Flores (org.) *Múltiplos Olhares sobre o Bilinguismo*. Braga: Universidade do Minho, pp. 115–144.

- Pires, A. & Rothman, J. (2009) Disentangling sources of incomplete acquisition: An explanation for competence divergence across heritage grammars. *The International Journal of Bilingualism* 13 (2), pp. 211-238.
- Platzack, C. (1996) The initial hypothesis of syntax: A minimalist perspective on language acquisition and attrition. In H. Clahsen (org.) *Generative Perspectives on Language Acquisition: Empirical Findings, Theoretical Considerations, Crosslinguistic Comparisons*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, pp. 369–414.
- Polinsky, M. (2006) Incomplete acquisition: American Russian. *Journal of Slavic Linguistics* 14, 191–262.
- Polinsky, M. (2008). Russian gender under incomplete acquisition. *Heritage Language Journal*, 6 (1), 40-71.
- Polinsky, M. (2011) Reanalysis in Adult Heritage Language. New Evidence in Support of Attrition. *Studies in Second Language Acquisition* 33, pp. 305-328.
- Polinsky, M. & Kagan, O. (2007) Heritage languages: In the “wild” and in the classroom. *Language and Linguistics Compass* 1, pp. 368 – 395.
- Pollock, J.Y. (1989) Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 365-424.
- Raposo, E.P. (1986) On the Null Object Construction in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.
- Rothman, J. (2007) Heritage speaker competence differences, language change, and input type: Inflected infinitives in heritage Brazilian Portuguese. *The International Journal of Bilingualism* 11, pp. 359–389.
- Rothman, J. (2009) Understanding the nature and outcomes of early bilingualism: Romance languages as heritage languages. *The International Journal of Bilingualism* 13 (2), pp. 155-163.
- Santos, A.L. (2009a) *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins.
- Santos, A.L. (2009b) Early VP ellipsis: production and comprehension evidence. In A. Pires & J. Rothman (orgs.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Mouton de Gruyter, pp. 155-176.
- Schiff-Myers, N. (1988) Hearing children of deaf parents. In D. Bishop & K. Mogford (orgs.), *Language development in exceptional circumstances*, pp. 47-61

- Schmid, M. (2002) *First language attrition, use, and maintenance: The case of German Jews in Anglophone countries*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Schwartz, B. (2004) On child L2 development of syntax and morphology. *Lingue e Linguaggio* 3 (1), pp. 97–132.
- Schwartz, B. (2011) Parsing up the Interface Hypothesis. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1 (1), pp. 84-88.
- Schwartz, B. & Sprouse, R.A. (1996) L2 cognitive states and the full transfer / full access hypothesis. *Second Language Research* 12, pp. 40-72.
- Sopata, A. (2010) V2 Phenomenon in Child Second Language Acquisition. In T.P. Matthew et al. (Eds.), *Selected Proceedings of the 2008 Second Language Research Forum*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 211-228.
- Sorace, A. (2011) Pinning down the concept of interface in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1 (1), pp. 1-33.
- Sorace, A. & Serratrice, L. (2009) Internal and external interfaces in bilingual language development: Revisiting the processing versus representation distinction. *The International Journal of Bilingualism* 13, pp. 195–210.
- Tsimpili, I.M., & Sorace, A. (2006) Differentiating Interfaces: L2 performance in syntax–semantics and syntax–discourse phenomena. *BUCLD Proceedings* 30, pp. 653–64.
- White, L. (1990) Second language acquisition and universal grammar. *Studies in Second Language Acquisition* 12, pp. 121-133.
- White, L. (1991) Adverb placement in second language acquisition: some effects of positive and negative evidence in the classroom. *Second Language Research* 7, pp. 133-161.